

TRADUZIR A FILOSOFIA PARA ALÉM DA FILOSOFIA: ASSINATURAS, ACONTECIMENTOS, CONTEXTOS¹

TRADUCIR LA FILOSOFÍA MÁS ALLÁ DE LA FILOSOFÍA: FIRMAS, ACONTECIMIENTOS, CONTEXTOS²

TRANSLATING PHILOSOPHY BEYOND PHILOSOPHY: SIGNATURES, EVENTS, CONTEXTS



Nayelli CASTRO RAMÍREZ³
University of Massachusetts

Traduzido por:

Clarissa Prado MARINI⁴
Universidade Federal de Santa Catarina

Ana Alethea de Melo Cesar OSÓRIO⁵
Universidade de Brasília

97

Resumo: Nestas linhas, mostro algumas das particularidades da tradução de “Signature événement contexte” para o espanhol. A análise proposta se distancia dos enfoques hermenêuticos (a interpretação e construção do *sentido* de um texto) e se aproxima da proposta de uma poética da tradução. Numa primeira parte, à guisa de introdução, situo o estudo dos textos filosóficos no horizonte da traductologia. Na segunda, analiso a tradução desta conferência para o espanhol. Nas conclusões, assinalo as dificuldades de classificação dos textos filosóficos, em particular dos textos de Jacques Derrida e mostro a necessidade de traduzir filosofia para além do sentido conceitual de seus textos. Traduzir a filosofia é diferenciá-la, construí-la, fazer filosofia.

Palavras-chave: Filosofia. Tradução. Poética. Escritura. Restância.

Resumen: En estas líneas, muestro algunas de las particularidades de la traducción de “Signature événement contexte” al español. El análisis propuesto se aleja de los enfoques hermenéuticos (la interpretación y construcción del sentido de un texto) y se acerca a la propuesta de una poética de la traducción. En una primera parte, a manera de introducción, sitúo el estudio de los textos filosóficos en el horizonte de la traductología. En la segunda, analizo la traducción al español de la conferencia. En las conclusiones, señalo las dificultades de clasificación de los textos filosóficos, en particular, los de Jacques Derrida y muestro la necesidad de traducir filosofía más allá del sentido conceptual de sus textos. Traducir filosofía es diferirla, construirla, hacer filosofía.

Palabras clave: Filosofía. Traducción. Poética. Escritura. Restancia.

Résumé : Ces pages proposent une analyse de la traduction espagnole de « Signature événement contexte ». La perspective depuis laquelle le texte est examiné cherche à s'écarter de la tradition herméneutique en tant qu'interprétation et construction de sens pour adopter la perspective de la poétique de la traduction. Dans un premier temps, on situe les textes philosophiques dans l'horizon de la traductologie. La deuxième partie présente l'analyse en espagnol de la conférence. Dans la conclusion, on montre les difficultés pour classer les textes philosophiques, en particulier, les derridiens, ainsi que le besoin de traduire la philosophie au-delà du sens de ses concepts. Traduire la philosophie, c'est la différencier, la construire, la faire.

Mots clés : Philosophie. Traduction. Poétique. Écriture. Restance.

Abstract : *This article discusses the Spanish translation of Derrida's conference: "Signature événement contexte". The analysis aims at taking some distance from the hermeneutic tradition considered as the interpretation and the construction of sense, to adopt the poetics perspective of translation. In the first part, I consider the place of philosophical texts within the horizon of Translation Studies. In the second, I analyze the Spanish translation of Derrida's conference. To conclude, I point out the difficulties for classifying philosophical texts, especially those by Derrida, and I argue that it is necessary to translate philosophy beyond the conceptual sense of its texts. Translating philosophy implies deferring it, building it, making it.*

Key words: *Philosophy. Translation. Poetics. Writing. Remainder.*

RECEBIDO EM: 24/10/2018

ACEITO EM: 15/11/2018

PUBLICADO EM: dezembro 2018

I. À GUIA DE INTRODUÇÃO: O TEXTO FILOSÓFICO A PARTIR DA TRADUTOLOGIA

98

A partir de uma perspectiva tradicional, o texto filosófico é considerado como a “representação” de um sistema de pensamento supostamente condensado numa rede de conceitos cunhados ou reformulados pelo filósofo. O trabalho do tradutor consistiria em chegar ao sentido do conceito, em captar sua essência, para convertê-lo num conceito meta. Desta maneira, os textos filosóficos compartilhariam importantes características com os textos literários, pois, assim como estes, as noções de “autor”, “leitor”, “originalidade”, “criação”, “tradição”, etc., têm uma influência nada desprezível quando se trata de analisá-los, quanto mais de traduzi-los. Apesar de atribuir aos textos filosóficos certa especificidade, Jean-René Ladmiral, um dos estudiosos da tradução que mais deu atenção à natureza deste tipo de textos, os situa sob a égide da tradução literária. Para o autor, a tradução de filosofia:

[...] é de fato o que chamamos de “tradução literária” e não uma tradução “técnica”, [por]que de uma certa forma corresponde na realidade essencialmente a uma divisão de ordem econômica: a tradução filosófica é uma tradução dita literária, pois se trata de um livro, publicado por uma editora com, em princípio, a menção do nome do tradutor, e, sobretudo, pois ela é remunerada segundo o regime dos direitos autorais muito menos bem (ou: pior) que a tradução técnica. (LADMIRAL 1979: 239)⁶

A dimensão terminológica de um texto de filosofia é uma distinção importante do estilo do filósofo. Como mostraram Brownlie (2002) e Lamont (1987), a rede terminológica que alguns filósofos propõem em seus textos constitui um fator decisivo na difusão e recepção de seus trabalhos. Para os autores mencionados, o *estilo* de um filósofo é definido, em parte, pela criação de neologismos ou, como no caso de Derrida, de “neografismos”. São poucas as ocasiões em que a tradução da obra completa de um filósofo fica a cargo do mesmo tradutor. É

por isso que o tradutor de filosofia procura coincidir com uma tradição particular de pensamento, ou inclusive com traduções anteriores do filósofo traduzido. Vista a partir da perspectiva terminológica, a tradução de filosofia pareceria uma mera operação de decodificação e codificação segundo a qual, para traduzir um termo filosófico, bastaria encontrar o termo filosófico que designa o mesmo conceito na língua meta. Assim, por exemplo, “ser” seria traduzido sem problema algum por seus equivalentes “sein”, “être” ou “being”.

Dito isso, temos que reconhecer que em filosofia a linha que separa o conceito do termo que o “representa” é muito tênue. Enquanto é irrefutável que termos que provêm da tradição grega, como “ser”, tenham traduções relativamente estáveis, não é menos irrefutável o fato de que, uma vez incorporados à tradição espanhola, alemã, francesa e inglesa, tais termos/conceitos ganham vida própria. Em outras palavras, sua incorporação ao sistema como termos anda de mãos dadas com a transformação de sua “identidade” como conceitos.

As dificuldades da tradução dos termos/conceitos dos textos filosóficos aumentam se considerarmos as conotações que estes têm numa determinada língua. Assim, Jean-Réné LADMIRAL se negou a traduzir para o francês *Der Jargon der Eigentlichkeit* de Adorno argumentando que “seria preciso ter importado [...] todo esse universo de conotações historicamente, geograficamente e linguisticamente situadas”⁷ (LADMIRAL 1979: 236).

Daí a dificuldade de limitar a tradução de filosofia a uma tarefa de pesquisa terminológica. Como pode-se perceber pelo exemplo anterior, os membros da comunidade filosófica modificam e reformulam constantemente os termos/conceitos de que se servem para afirmar-se como tais. Um texto de filosofia não é um depósito de termos/conceitos, mas sim um exercício de construção textual no qual os termos/conceitos estão sujeitos a processos de redefinição permanente.

O que foi dito até aqui permite afirmar que traduzir filosofia é uma complexa operação intertextual que confronta o tradutor com uma tensão entre a história do pensamento (construída coletivamente) e a originalidade do autor de filosofia (que luta para se distinguir do resto de seus competidores na área e para impor certa “originalidade” à sua obra). Os tradutores de filosofia desempenham, então, um papel de primeira importância na construção da história da filosofia e da própria filosofia: suas traduções sistematizam o exemplo dos conceitos ao redor dos quais a comunidade filosófica se constitui como disciplina e, ao mesmo tempo, disseminam o texto filosófico para além de suas fronteiras linguísticas.

O processo de disseminação referido implica ir além da dimensão terminológica, isto é, ir do termo/conceito ao texto; da hermenêutica à poética. Este é o projeto proposto por Henri Meschonnic. De acordo com o autor, os textos filosóficos também têm uma dimensão poética que se opõe à sua dimensão hermenêutica. Em outras palavras, traduzir um texto de filosofia requer não apenas que se interprete o sentido dos conceitos empregados pelo filósofo, como também que se encontre a maneira em que estes se incorporam no texto e produzem um efeito determinado. Nos termos de Meschonnic (1990: 21), “trata-se, mesmo na filosofia, de saber (e de saber como) o que se faz com as palavras”⁸.

É claro que para ele não se deixará de lado a interpretação. Esta é muito importante para qualquer tipo de tradução, não só a filosófica, mas não é a única importante. Para recuperar a expressão bermaniana (1995), poderíamos dizer que o tradutor de filosofia também “faz texto” e ao fazê-lo se faz visível. Esta afirmação é especialmente pertinente para os textos de filosofia, já que neles, o trabalho do tradutor tende a desaparecer por trás da ilusão de uma escrita adâmica, isto é, uma escrita que prescinde idealmente da tradução e que é eclipsada/ofuscada na operação descrita por Meschonnic (1999: 18) como a relação “do pensamento com o pensamento sem língua”.⁹

Os textos de Derrida são um excelente exemplo da maneira como a terminologia se arraiga no texto mediante mecanismos retóricos como os jogos de palavras, a polissemia e a ambiguidade deliberadas, a metáfora e a metonímia. Sem esquecer das dificuldades que a terminologia derridiana representa, até mesmo para seus leitores francófonos (pensemos por exemplo no *Vocabulaire Derrida* de Ramond [2001]), é necessário dar conta das maneiras em que a coesão e a coerência dos textos de Derrida contribuem para que sua terminologia se arraigue em sua proposta teórica. Em outras palavras, o trabalho conceitual dos textos derridianos não consiste em definir de maneira unívoca este ou aquele conceito, mas sim em associá-lo com outras palavras do texto que produzem uma rígida rede léxico-semântica cujas características dificultam consideravelmente o trabalho do tradutor. Daí a pertinência da perspectiva poética e discursiva.

II. ASSINATURAS... ACONTECIMENTOS... CONTEXTOS

Antes de abordar a análise da conferência, é necessário fazer algumas observações referentes ao contexto da tradução e sua publicação em espanhol. Professora de filosofia da Universidad Carlos III de Madrid, Carmen González Marín traduziu a compilação de textos publicada em francês como *Marges de la philosophie*. O site de Horacio Potel toma emprestado

de seus *Márgenes* muitos dos textos difundidos *on-line*. *Márgenes de la filosofía* já foi editado quatro vezes (a última em 2003), e circula precedido de uma “Presentación”, na qual a tradutora destaca a importância do trabalho do autor para a filosofia contemporânea. O texto não é um “prefácio do tradutor”; antes, a tradutora fala como estudiosa e comentarista de Derrida, sem abordar em absoluto as dificuldades de seu trabalho como tradutora.

Em sua “Presentación” González Marín descreve algumas particularidades da recepção anglo-saxã da obra de Derrida e define a desconstrução como uma leitura realizada a partir das zonas marginais dos textos, “as notas de rodapé, os trabalhos pouco relevantes, os lugares em que, em suma, a vigilância de quem escreve poderia ser menor”¹⁰ (2003 [1989]). A tradutora não deixa de assinalar a importância da escrita e dos textos no trabalho do filósofo e conclui com a afirmação de que “o mundo é textualidade, mais vulgarmente escrita; um âmbito de infinita liberdade, de infinito risco”¹¹ (GONZÁLEZ MARÍN, 2003). Cabe supor que, alerta para a escrita derridiana, as preocupações sobre a tradução não andam muito distantes da mente de González Marín. Assim, três anos antes da publicação em espanhol de *Márgenes* (1986), a questão da legibilidade dos textos e da tradução aparece em vários pontos de seu diálogo com Derrida. As respostas de Derrida às perguntas de sua tradutora e entrevistadora mostram, com sua habitual eloquência, que o texto resiste (*résistance*) à leitura de maneira tal que sempre resta (*reste*) algo ilegível. O texto se define então como “restância”, que González Marín traduz por “*permanencia*”. Falarei um pouco mais à frente sobre esta tradução. Para o momento, nos basta assinalar os pontos do trabalho derridiano que guiam a entrevista (e quiçá, o projeto de tradução) da tradutora. Assim, ao responder à pergunta da tradutora sobre a legibilidade de um texto, o filósofo parece mencionar diretamente à sua leitora-tradutora, afirmando que:

[...] um texto não se deixa apropriar. Diz sempre mais ou menos o que deveria ter dito, e se separa de sua origem; em consequência, não pertence nem ao seu autor nem ao seu leitor [...] Um texto é um foco de resistência. A relação com um texto não pode ser fácil; é uma relação necessariamente conflituosa, polêmica: uma relação de forças (GONZÁLEZ MARÍN 1986).¹²

Se sempre há algo que permanece ilegível, então o trabalho de tradução parece impossível e as resistências, invencíveis. No entanto, ambos, entrevistado e entrevistadora, terão a prova do contrário diante de si: *Márgenes*. A quem pertence *Márgenes*? Que leitura pode vencer a *reserva* de ilegibilidade contida nele? Em que língua? Todas essas perguntas subjazem ao diálogo que se detém um pouco no problema da relação mulher-escrita ou no das

leituras polêmicas do trabalho derridiano, até o momento em que a pergunta sobre a tradução explicita:

Você acredita que seus textos traduzidos ensinam o mesmo que os textos franceses? Os textos traduzidos nunca dizem a mesma coisa que o texto original. Sempre ocorre algo novo. Inclusive, ou sobretudo, nas boas traduções. Há transformações que respondem, por um lado, à transmissão num contexto cultural, político, ideológico diferente, a uma tradição diferente, e que fazem com que “o mesmo texto” – não existe um mesmo texto, inclusive o original não é idêntico a si mesmo –, inclusive no interior da mesma cultura, tenha efeitos diferentes (GONZÁLEZ MARÍN 1986).¹³

102 Com essa resposta, as afirmações da tradutora a propósito da escrita derridiana como “um âmbito de infinita liberdade e de infinito risco” parecem mais claras: a escrita da tradução é livre porque “os textos traduzidos não dizem a mesma coisa que o texto original”. No entanto, por isso também se corre um “risco infinito”, a saber, o de perder-se no labirinto dos textos. Em *Márgenes*, González Marín decide correr esse risco. De fato, na sua tradução estão manifestados a liberdade e o risco que menciona em sua apresentação; os textos compilados trazem breves alusões às circunstâncias em que foram redigidos – quase sempre para conferências – e um olhar superficial mostra que o recurso à nota de rodapé é muito mais raro, talvez com o propósito de não entorpecer a leitura de um conjunto de textos que, por si mesmos, já são ricos em notas de rodapé do autor. O último texto do volume, “*Firma, acontecimiento, contexto*” apresenta dificuldades particulares que vale a pena comentar. Não se trata de tomá-lo como exemplo das traduções compiladas em *Márgenes*; isto seria contraditório com o que venho afirmando até aqui a respeito da singularidade das traduções. Ao contrário, o interesse de revisar o texto é mostrar algumas de suas dificuldades de tradução e assinalar a necessidade de (re)traduzir um dos textos derridianos cuja complexidade exige *mais de uma tradução*.

Jacques Derrida apresenta “*Signature événement contexte*” em 1971 no Congresso Internacional de Sociedades de Filosofia de Língua Francesa (Montreal). O texto propõe uma releitura de *How to do things with words* de John L. Austin, a partir da qual surge a polêmica Derrida-Searle. Sua primeira tradução para o espanhol é publicada na primeira edição e *Márgenes*, quinze anos depois da publicação do texto francês. Recentemente, Horacio Potel acrescentou algumas correções à tradução de González Marín para o *site* dedicado a Derrida, mencionando que as modificações obedeciam a “erros nas notas, frases incompletas, erros nos itálicos, etc.”. A mais significativa é o reposicionamento das notas de rodapé 2, 3 e 4 do texto de Derrida. De fato, na versão publicada, talvez por descuido da edição, estas remetem ao rodapé em lugares inusitados. Assim, no fragmento no qual Derrida descreve o valor da escrita

para Condillac, ao terminar a oração: “*si los hombres escriben es porque tienen algo que comunicar*”, o leitor de espanhol é remetido à seguinte nota: “*El lenguaje suple a la acción o la percepción, el lenguaje articulado suple al lenguaje de acción, la escritura suple al lenguaje articulado*” (2003 [1989]: 352), o que desvia a atenção do texto para dirigi-la a uma nota que está fora de lugar. A versão *on-line* reposiciona a nota no lugar que seria correspondente em francês, isto é, depois do parêntese: “(«*suplir*» es uno de los conceptos operatorios más decisivos y más frecuentemente utilizados en el ensayo de Condillac)”, diante do qual as operações de “*suplencia*” descritas permitem continuar o desenvolvimento argumentativo do texto.

Não menos importante é a restituição do grifo do autor, pois na versão publicada aparece confundido com o resto do texto. A função do grifo é importante para a leitura porque produz um efeito de coesão textual e focaliza a atenção do leitor em conceitos fundamentais. Ademais, também serve para marcar o *tom* que o autor quer dar a certo fragmento de sua enunciação. Por exemplo, o seguinte fragmento:

El sistema de esta interpretación (que es también, en cierto modo el sistema de la interpretación en todo caso de toda una interpretación de la hermenéutica), aunque corriente, o en tanto que corriente como el sentido común, ha estado representado en toda la historia de la filosofía (2003 [1989])

El sistema de esta interpretación (que es también, en cierto modo *el* sistema de la interpretación en todo caso de toda una interpretación de la hermenéutica), aunque corriente, o en tanto que corriente como el sentido común, ha estado *representado* en toda la historia de la filosofía. (grifos em itálico de H. Potel, negritos meus)

[O sistema desta interpretação (que é também, de certo modo, *o* sistema de interpretação em todo caso de toda uma interpretação da hermenêutica), ainda que corrente, ou tão corrente quanto o sentido comum, tem sido *representado* em toda a história da filosofia.]

Para J. Authier-Revuz (1984) o grifo é uma das formas de “conotação autonímica” [*connotation autonymique*], mediante a qual o autor marca sua enunciação como própria ou a distingue da enunciação de outro enunciador, sem que necessariamente haja uma ruptura sintática. Da mesma maneira, a importância do grifo é explicitada várias vezes no texto quando, ao citar outros autores, Derrida especifica quem destaca. A partir da perspectiva da poética da tradução, a omissão do grifo altera a *oralidade textual* que enfatiza tipograficamente certos fragmentos ou conceitos e modifica o *sistema* do texto, entendido como o conjunto de elementos “radicalmente históricos” e “diferenciais” que dão coerência a um texto; sua *signifiance* [força significante] e sua “semântica prosódica e rítmica” (MESCHONNIC 1999: 355).

Em suma, o grifo produz certa *textura*, sem a qual a repetição enfática de alguns conceitos se confunde com o resto da terminologia empregada pelo autor.

Assim como no caso do posicionamento equívoco das notas de rodapé, é provável que a omissão de alguns grifos se deva a descuidos de edição, cuja responsabilidade não necessariamente recai na tradução. As modificações de Potel não seriam, então, modificações à tradução, mas sim à edição do texto. Não é assim no caso da adição de alguns conceitos do texto fonte entre colchetes ao lado dos conceitos traduzidos por González Marín. A versão *on-line* acrescenta entre colchetes os conceitos “*trace*”, “*tracer*” e “*retracer*” em algumas das ocasiões em que González Marín propõe traduzi-los como “*marca*”, “*marcar*” e “*volver a marcar*”. A tradução desses conceitos supõe a reconstrução de uma rede terminológica que no francês do autor está relacionada ao mesmo tempo com outros conceitos importantes como *trait* [trazo], *retrait* [retrazo/retirada], *trace* [huella/marca]¹⁴. A decisão de Potel de acrescentar entre colchetes o conceito fonte obedece, sem dúvida, à necessidade de sugerir ao leitor os alcances dos conceitos empregados por Derrida neste texto. Em suma, as diferenças entre o texto de Potel e o de González Marín poderiam ser consideradas como mudanças que se fazem necessárias por uma edição descuidada antes do que por um trabalho de (re)tradução e de crítica.

104

“Signature événement contexte” é um texto difícil por várias razões. Talvez a primeira dificuldade seja a rígida rede conceitual empregada pelo autor. De fato, no texto são empregados conceitos fundamentais como *iterabilidad*, *restancia*, *diferancia*, *grafema*, *marca*, *relevo*, *trazo/huella/rasgo*, *escritura* e *firma*¹⁵. A segunda é a complexidade sintática do texto: grandes parágrafos constituídos a partir de orações separadas por vírgulas; frequentes frases parentéticas e pronomes que obrigam o leitor a voltar a ler/reler/ler novamente. Não é nenhuma novidade dizer que uma das características do estilo derridiano é situar nas zonas textuais marginais as afirmações sobre as quais desenvolverá sua argumentação.

Na primeira parte do texto, vale dizer o *incipit*, o autor anuncia entre parênteses os temas de sua exposição. Este uso do parêntese – normalmente empregado para evidenciar ou comentar algo “à margem” do que está sendo dito no texto – dá lugar à reprimenda de Derrida a Searle. Segundo Derrida, a leitura do teórico estadunidense é inadequada porque é parcial, isto é, só leva em conta o que para o autor estadunidense são *os pontos mais importantes* do comentário derridiano da teoria de John Austin. Para mostrar que sua leitura de Austin não é tão confusa como Searle indica, Derrida se explica assim:

Na minha leitura [...], não me concentro nem exclusiva nem principalmente nos pontos que parecem ser os mais “importantes”, “centrais”, “cruciais”. Mas sim, me desconcentro e o que me importa são os casos secundários; excêntricos; laterais; marginais; parasitas; liminares que são a fonte de muitas coisas como o prazer, mas também permitem ver de dentro o funcionamento geral de um sistema textual (DERRIDA 1988: 44)¹⁶

Em outras palavras, ao criticar somente os pontos que considera "mais importantes" Searle passa por alto pelas teses anunciadas por Derrida entre parênteses e faz sua própria versão do ensaio. Para Derrida é inconcebível que, apesar das *marcas textuais* (parênteses, itálicos, afirmações explícitas), Searle "um especialista em atos de fala", passe por alto pelo funcionamento do ensaio. De fato, de acordo com Derrida, o emprego dos parênteses, dos itálicos e, em particular, de algumas locuções paraidiomáticas indica que o texto não pretende somente dizer, mas fazer algo. Em outras palavras, o texto tem uma dimensão performativa. Anunciar os temas principais do ensaio entre parênteses não é um defeito de organização textual, e sim a refutação *marcada* da ordem que confina ao parêntese o secundário, o marginal. Seguindo o autor, um mínimo de atenção ao detalhe textual "teria sido suficiente para evitar uma leitura descuidada ou uma interpretação trivial e para indicar a necessidade de certo trabalho de pensamento" (DERRIDA 1988:52). A ironia de Derrida em sua resposta a Searle parece não ter limites. Não posso dedicar mais espaço a detalhes desse texto e devo concentrarme em outro assunto que, para alguns, também poderia parecer “marginal”: as dificuldades de tradução de “Signature événement contexte”. De fato, não se trata de um assunto menor. É compreensível, pois, que as dificuldades de leitura se somem àquelas de tradução. Inclusive, para alguns, a polêmica Derrida-Searle é, em parte, atribuível à tradução. (FOGEL; HILLIS-MILLER 1991: 33).

Para traduzir “Signature événement contexte” deve-se levar em conta tudo o que foi dito anteriormente e a multiplicação das referências bibliográficas citadas por Derrida. Aparentemente, na tradução para o espanhol, estas são traduzidas diretamente do texto de Derrida, sem importar que existam traduções para o espanhol de muitos dos textos citados. A paginação proporcionada no texto em espanhol para as citações de outros autores corresponde, então, a edições francesas. Trata-se, em parte, da mesma dificuldade que apontava T. Segovia (2001: 246) para a tradução das citações: cotejá-las implica ter à mão versões castelhanas dos textos, se não francesas e alemãs, caso Derrida esteja citando e traduzindo do alemão, o que ocorre com frequência. No entanto, a tradutora não faz nenhum comentário a esse respeito. A partir do tratamento do aparato crítico derridiano, seria possível supor que todos os autores citados falavam e escreviam em espanhol, apesar de, no texto da conferência, Derrida dizer

várias vezes que cita a tradução francesa de *How to do things with words*, incluindo fragmentos do comentário que o tradutor francês faz em sua introdução à obra. Como consequência, apesar de traduzidas para o espanhol, para o leitor de espanhol, as obras às quais Derrida se remete parecem distantes e irreconhecíveis. Por isso, uma leitura que pretendesse verificar as relações que a leitura derridiana constrói enfrenta dois obstáculos. O primeiro é o das línguas dos textos citados (inglês e alemão); o segundo, o da retradução das citações a partir do texto francês. Por isso, seria desejável dotar a tradução dessa conferência de um aparato crítico em espanhol que permita que a leitura castelhana siga a leitura derridiana em seu percurso pelas obras de Austin e de Husserl.

Traduzir essa conferência se torna ainda mais complexo se consideramos que o texto não é monolíngue, ou seja, não somente as notas de rodapé de Derrida manifestam uma heterogeneidade radical, mas o corpo do texto incorpora fragmentos em inglês e alemão que não necessariamente se reduzem ao espaço da citação. Por exemplo, ao questionar a definição husserliana de agramaticalidade nas proposições "o verde é ou" ou "abracadabra", Derrida explica:

como "o verde é ou" ou "abracadabra" não constituem seu contexto em si mesmos, nada impede que funcionem em outro contexto a título de marca significante (ou de índice, diria Husserl). Não somente no caso contingente em que, pela tradução do alemão para o francês "o verde é ou" poderia carregar-se de gramaticalidade ao se transformar ou (*oder*) na audição em onde (marca de lugar": "Aonde foi o verde (da grama: onde está o verde", "Aonde foi o copo em que queria dar-lhe de beber?". Mas até "o verde é ou" (*The green is either*) significa ainda exemplo de agramaticalidade. (2003 [1989]) – tradução nossa¹⁷

O que está em jogo nesse fragmento é que, para Derrida, ao traduzir para o francês a oração com a qual Husserl exemplifica a *agramaticalidade*, a saber o *sem-sentido*, esta ganha significado. Em alemão o exemplo é "Der grün ist oder"; traduzido para o francês "Le vert est ou". Como "vert" [verde] soa igual a "verre" [vaso] e "ou" [o] igual a où [dónde], inaugura-se um jogo de homofonias irrecuperável em espanhol. Da mesma maneira, a omissão do grifo (*em onde, exemplo de agramaticalidade*) torna difícil acompanhar o que se pretende afirmar. Para o leitor de espanhol esse é um ponto morto na explicação porque, em espanhol, não se vê de que maneira a proposição "*el verde es o*" pode se tornar inteligível e dar lugar às diferentes interpretações que Derrida propõe para negar a *agramaticalidade* de Husserl. No texto de Potel, as modificações nesse fragmento da tradução se limitam a restituir alguns itálicos do autor sem explicação alguma. É nessa parte em que, em termos de Berman (1995), a leitura independente

do texto meta não se sustenta (*ne tient pas*), ou seja, não permite ao leitor acompanhar a argumentação apresentada em sua língua; de início, porque o emprego que Derrida faz de outras línguas aparece em espanhol reduzido aos parênteses (*oder*) e (*The green is either*) sem que se advirta sobre a relação construída entre essas línguas.

Esse fragmento é um bom exemplo do que H. Meschonnic (1999) chama *traduction effaçante*, muito frequente em textos filosóficos. Paradoxalmente, a desapareição da tradutora, ou sua invisibilidade buscada, produz o efeito contrário, isto é, ao ler essa parte do texto, o leitor de espanhol se dá conta de que, apesar de a tradutora ter se colocado de lado para deixar passar o pensamento e o sentido do original, há algo que não consegue tomar forma na tradução castelhana e que torna necessária a leitura do texto francês.

A tradução do “sistema” terminológico que mencionei anteriormente também representa um desafio à tradução para o espanhol. Isso se deve, em grande medida, ao fato de que a maioria dos conceitos empregados são neografismos/neologismos de Derrida, que não só fazem parte de uma rede terminológica mais ampla, mas também são o *quid* das discussões que o autor travou com outros filósofos. A dificuldade em traduzi-los consiste em que, por serem neologismos, o tradutor pode se dar ao luxo de forjar neologismos na língua meta. Um exemplo disso é *restance* (derivado de *rester*) que González Marín expressa como *permanencia*, derivada de *permanecer*. No entanto, alguns desses neologismos devem poder reconstruir a *signifiance* [força significante] que têm no texto derridiano, pois com frequência o autor antecipa a introdução de conceitos novos com palavras empregadas no texto. É o caso da introdução do conceito de “marca”, antes da qual Derrida afirma várias vezes: “*Je marque ici*”; cita Condillac e associa seu emprego do verbo “*tracer*” com “*marquer*” para, ao final do texto, acrescentar em seu último parêntese a “*remarque*” sobre as assinaturas. No texto de González Marín esse conjunto de *marcas* se uniformiza sob o conceito de “marca”, de forma que o deslizamento do termo de Condillac para o conceito de Derrida fica imperceptível em espanhol, as afirmações que Derrida introduz com “*je marque*” se convertem em “*señales*” e a “*remarque*” do final, em uma “*nota*”. O seguinte quadro permite ver essas relações de maneira mais clara:

Derrida	C. González Marín
[Je] marque: p.368	Señalo p.350
[de] marquer: p.369	señalar p. 351

[...] «retraçant» : p. 370	«que dibuja» p. 352
[...] trait: p. 371	rasgo p. 353
[...] à la marque: p. 372	[...] en la señal p. 354
... tracer, retracer: p. 373	[...] marcar, volver a marcar p. 354
marque: pp. 375- 379, 381-382, 385, 389, 390	marca: pp. 356-359; 362, marcha: 369
Remarque: p. 393	Nota: p. 372.

Da mesma maneira, a *différance*, que, na versão castelhana da conferência assim intitulada C. Marín González propõe traduzir como *diferancia*, em “Firma, acontecimiento, contexto” é traduzida por *diferencia*. Para o leitor acostumado, a substituição parece imediatamente incongruente, pois se situa em uma rede de termos que Derrida emprega para definir a ruptura da “presença/essência”¹⁸ que dá lugar à diferença. Vejamos:

108

Mais cette absence n'est-elle pas seulement une présence lointaine, retardée ou, sous une forme ou sous une autre, idéalisée dans sa représentation? Il ne le semble pas, ou du moins cette distance, cet écart, ce retard, cette *différance* doivent pouvoir être portés à un certain absolu de l'absence pour que la structure d'écriture, à supposer que l'écriture existe, se constitue. C'est là que la *différance* comme écriture ne saurait plus (être) une modification (ontologique) de la présence. (DERRIDA 1972)

Pero esta ausencia ¿no es sólo una presencia lejana, diferida o, bajo una forma u otra, idealizada en su representación? No lo parece, o al menos esta distancia, esta separación, este aplazamiento, esta *diferencia* deben poder ser referidas a un cierto absoluto de la ausencia para que la estructura de escritura, suponiendo que exista la escritura, se constituya. Ahí es donde la *diferencia* como escritura no podría ser ya una modificación (ontológica) de la presencia. (DERRIDA 2003 [1989])

Mas essa ausência não é somente uma presença longínqua, tardia ou, sob uma forma ou outra, idealizada em sua representação? Não parece ser o caso, ou ao menos esta distância, esse afastamento, esse atraso, essa *différance* devem poder ser dirigidas a um certo absoluto da ausência para que a estrutura de escritura, supondo que a escritura exista, se constitua. É aí que a *différance* como escritura não poderia mais ser uma modificação (ontológica) da presença. (tradução nossa)

O termo-conceito *restance* ao que nos referimos anteriormente apresenta dificuldades especiais na tradução para o espanhol. González Marín o traduz por *permanencia* tanto no texto de *Márgenes* como em sua entrevista com o autor. Como no caso de *marca*, Derrida antecipa sua introdução em várias ocasiões e o emprega durante o resto da conferência de tal maneira que desperta algumas suspeitas no leitor. No seguinte quadro, mostro as diferentes ocorrências do termo e seus derivados no texto francês.

1	[...] car les lettres sont les derniers pas qui restent à faire après les marques chinoises [...]
2	Il faut, si vous voulez, que ma « communication écrite» reste lisible malgré la disparition absolue de tout destinataire déterminé [...]
3	Un signe écrit, au sens courant de ce mot, c'est donc une marque qui reste [...]
4	Cet espacement n'est pas la simple négativité d'une lacune, mais le surgissement de la marque. Il ne reste pourtant pas, comme travail du négatif au service du sens, [...]
5	Cette possibilité structurelle d'être sevrée du référent ou du signifié (donc de la communication et de son contexte) me paraît faire de toute marque, fût-elle orale, un graphème en général, c'est-à-dire, comme nous l'avons vu, la restance non-présente d'une marque différentielle coupée de sa prétendue «production» ou origine.
6	Un de ces éléments essentiels — et non pas l'un parmi d'autres — reste classiquement la conscience, la présence consciente de l'intention du sujet parlant à la totalité de son acte locutoire [...]
7	Aucun reste , ni dans la définition des conventions requises, ni dans le contexte interne et linguistique, ni dans la forme grammaticale ni dans la détermination sémantique des mots employés; [...]
8	[...] juridiction téléologique d'un champ total dont l'intention reste le centre organisateur [...]
9	Il insiste sur le fait que cette possibilité reste anormale, parasitaire, [...]
10	[...] la généralité du risque admise par Austin entoure-t-elle le langage comme une sorte de fossé, de lieu de perdition externe dans lequel la locution pourrait toujours ne pas sortir, qu'elle pourrait éviter en restant chez soi, en soi, à l'abri de son essence ou de son télós?
11	[...] univocité de l'énoncé — dont il reconnaît ailleurs qu'elle reste un «idéal» philosophique, [...]
12	Je reviens donc à ce point qui me paraît fondamental et qui concerne maintenant le statut de l'événement en général, de l'événement de parole ou par la parole, de l'étrange logique qu'il suppose et qui reste souvent inaperçue.
13	Et si l'on prétend que ce langage ordinaire, ou la circonstance ordinaire du langage, exclut la citationnalité ou l'itérabilité générale, cela ne signifie-t-il pas que l'«ordinaire» en question, la chose et la notion, abritent un leurre, qui est le leurre téléologique de la conscience dont il resterait à analyser les motivations, la nécessité indestructible et les effets systématiques?
14	Mais, dira-t-on, elle marque aussi et retient son avoir-été présent dans un maintenant passé, qui restera un maintenant futur, donc dans un maintenant en général, dans la forme transcendante de la maintenance.
15	Ce sont ces prédicats (j'en ai rappelé quelques-uns) dont la force de généralité, de généralisation et de générativité se trouve libérée, greffée sur un «nouveau» concept d'écriture qui correspond aussi à ce qui a toujours résisté à l'ancienne organisation des forces, qui a toujours constitué le reste , irréductible à la force dominante qui organisait la hiérarchie — disons, pour faire vite, logocentrique

Fonte: (DERRIDA 1972, itálicos do original, negritos nossos)

Dessa maneira, *restance* se relaciona com *reste*, que, em francês, pode ser tanto um *resto*, algo que fica, quanto a conjugação da terceira pessoa do singular do verbo *rester* no presente. Da mesma forma, o substantivo *restance*, formado a partir do verbo *rester*, tem significativas semelhanças fônicas e gráficas com *résistance*, dando assim lugar a várias interpretações: o *signo* ou a *marca* é o que que fica, resta, resiste. Mas não *permanece* porque muda em cada repetição: deixa de ser ele mesmo.

Traduzir *restance* por *permanence* é outra das críticas de Derrida a Searle; essa tradução é parte da versão domesticada que o “autoproclamado herdeiro de Austin” fez do ensaio derridiano para poder discutir seus “pontos mais importantes”. S. Weber e J. Mehlman (apud DERRIDA 1998) traduzem *restance* como *remainder*, que, para Derrida, parece adequar-se mais a seus propósitos. A esse respeito o autor afirma: “não sei se *remainder* por si mesmo traduz adequadamente *restance*, mas pouco importa porque não há palavra que, fora de contexto, possa

traduzir perfeitamente por si mesma outra palavra” (DERRIDA 1998: 52). De qualquer maneira, o conceito de *permanencia/permanence* não é adequado porque, em primeiro lugar, *restance* é um neologismo francês que, no texto de Derrida, está, além disso, grifado; dois indícios ou marcas que deveriam alertar qualquer *expert* em atos de fala, assim como todo tradutor, de que “qualquer retradução apressada com uma expressão idiomática trivial” (DERRIDA 1998: 52) teria de ser descartada. Em segundo lugar, porque o contexto indica, mediante expressões contrárias à ideia de *permanencia*, que *restancia* só pode ser definida a partir de ausência, ou seja, daquilo que não está, do que não *permanece*. Traduzir *restance* por *permanencia*, como na versão publicada em espanhol, ou por *permanence*, como na de Searle, implica realizar um movimento contrário ao que o ensaio busca fazer, isto é, mostrar que *o que não está presente*, *o não ser* ou o que está *ausente*, é um componente necessário da pretendida plenitude da fala. Derrida explica:

Não há dúvida de que a permanência ou a sobrevivência de um documento (*scripta manent*) quando e até o ponto (sempre relativo) em que ocorrem implicam iterabilidade ou restos em geral. [...] Mas o contrário não é verdade. A permanência não é um efeito necessário do restar [*rester*]. Irei além: a estrutura da restância, ao implicar alteração, torna impossível a permanência absoluta (DERRIDA 1998: 54)¹⁹.

Há múltiplas marcas textuais que se apresentam para alertar o leitor desse ensaio de que provavelmente o texto se situa na dimensão do *fazer* ao mesmo tempo em que se situa na dimensão do *dizer*. Além do emprego de conceitos como restância, deve-se levar em conta que “Signature événement contexte” é o último texto de uma compilação que se chama *Marges de la Philosophie*. Ao assinar, três vezes e de maneira diferente o texto, Derrida assina também todo o livro ao mesmo tempo em que nega, com *fatos* e com *letras*, a identidade absoluta associada à ideia tradicional de *assinatura*. A consequência é a afirmação radical do caráter reiterável do *signo*; do *texto* e da *marca* além do regime do verdadeiro e do falso.

Uma vez que se tenham ouvido os argumentos do autor contrários a essa tradução, a (re)tradução da rede terminológica desse ensaio se faz urgente. Esta tampouco poderia abordar por alto alguns detalhes sintáticos do texto publicado que, ou omitem alguns fragmentos do texto, como aponta acertadamente Potel, ou seguem tão de perto a ordem da oração francesa que fazem com que a leitura em espanhol seja pouco fluida. De acordo com Frost (1989: 457-458) “isso se deve ao fato de que "ao traduzir de qualquer outra língua românica para o espanhol, corremos o risco de ficar perto demais [...] cremos traduzir quando, de fato, apenas trasladamos”.

No caso dos textos meta que nos ocupam, é necessário considerar não apenas a necessidade de certa fluidez na leitura, mas também a complexidade sintática do texto. Um exemplo é o título em francês do ensaio. “Signature événement contexte” apresenta três substantivos em parataxe radical, isto é, sem vírgulas entre eles. Derrida explica que ao fazê-lo buscou abrir caminho para uma segunda leitura do título que em francês poderia escrever-se “Signature événement qu'on texte” (DERRIDA 1988: 108), com o qual estaria forjando um novo verbo em francês: “texter”. As versões de González Marín e de Potel separam os substantivos do título com vírgulas, cancelando assim a segunda leitura que o autor incita.

III. CONCLUSÃO

Em Derrida, escrever e traduzir parecem fundir-se em um exercício de difícil classificação, pois, estritamente, este não pertence nem à filosofia nem à literatura. Basta voltar o olhar para os fenômenos textuais representados por suas traduções para constatar que sua escritura não coincide facilmente com o texto filosófico nem com o literário.

A importância que Derrida concede à tradução é manifesta em seus textos que, escritos em sua maioria em francês, não deixarão de apelar à tradução e ao trabalho de seus tradutores. Para estes, os textos derridianos representam um constante desafio. Como a escritura do autor não parece se encaixar dentro de nenhum gênero determinado, suas traduções se veem forçadas a reconstruir essa falta de pertencimento, esse lugar indeterminado fincado pela filosofia e pela literatura, como também por preocupações históricas, sociológicas, jurídicas, psicanalíticas e estéticas. Em suma, trata de uma escritura experimental, de um *acontecimento* que, buscando-se nas fendas textuais dos sistemas teóricos, põe à prova os limites entre os diferentes campos de reflexão e entre as línguas.

O texto derridiano implica um trabalho arqueológico, vale dizer de escavação filológica, que desenterra das traduções de filosofia greco-latina o trabalho dos tradutores e a maneira com que suas leituras deram lugar à constituição do que ele chamou *logocentrismo*. Traduzir filosofia além da filosofia é o trabalho do tradutor derridiano. Em outras palavras, trata-se de traduzir para além da primazia atribuída ao sentido do conceito para aproximar-se da poética que a filosofia confinou nos limites da retórica. A tradução de filosofia manifesta a construção linguística do pensamento. Derrida é somente um exemplo das maneiras como um texto filosófico se constrói na e por meio da tradução. Em grande medida, o autor escreve para seus tradutores, multiplicando suas dificuldades e forçando sua escritura a se transformar. A relação

entre filosofia e tradução representa a aporia irrenunciável entre identidade-diferença que alimenta a história do Ocidente.

Traduzir “Signature événement contexte” é, no fim das contas, pôr em marcha suas possibilidades de iteração; (re)iterar esse texto; repetir o acontecimento de uma assinatura, em outro contexto. Se se é consistente, isso significa voltar a fazer o texto, pois este não deve permanecer idêntico a si mesmo, mas transformar-se em outro. Com efeito, enfrenta-se assim uma boa dose de intraduzíveis que farão com que haja *restos* do idioma derridiano, como de fato ocorre nas versões de González Marín e de Potel. Essa intraduzibilidade, a restância da escritura derridiana, talvez não represente obstáculo algum para a leitura do ensaio, e até impulse a necessidade de refletir “do princípio ao fim”, sobre um texto alheio cuja “intraduzibilidade [...] redunde em um grande bem e seja o estímulo para criar – e não reproduzir – uma filosofia (FROST 1988: 460).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

112

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité(s) énonciative(s). **Langages**, n. 73, (Les plans d'énonciation). Paris: Larousse, 1984: 98-110.

BERMAN, A. **Pour une critique des traductions**: John Donne. Paris: Gallimard, 1995.

BROWNLIE, S. La traduction de la terminologie philosophique. **Meta**, v. 47, n. 3, pp. 295-310, 2002.

DERRIDA, J. Signature événement contexte. In: DERRIDA, J.. **Marges de la philosophie**. Paris: Minuit, 1972. Tradução para o espanhol: DERRIDA, J. “Firma, acontecimiento, contexto”. In: _____. **Márgenes de la filosofía**. Tradução de C. González Marín. Madri: Cátedra, 2003 [1989].

DERRIDA, J.. **Limited Inc**. Tradução de Samuel Weber. Evanston: Northwestern University Press, 1988.

FOGEL, J. F., HILLIS-MILLER, J. La consécration américaine, **Magazine Littéraire**, n. 286, mars, pp. 32-35, 1991.

FROST, E. C. Ser o estar o las dificultades de la traducción filosófica. In: PÉREZ MARTÍNEZ, H. **Lenguaje y tradición en México**. Zamora: El Colegio de Michoacán, 1989: 453-460.

GONZÁLEZ MARÍN, C. Jacques Derrida: leer lo ilegible. **Revista de Occidente**, 62-63, pp. 160-182, 1986.

LADMIRAL, J. R. **Traduire**: théorèmes pour la traduction. Paris: Payot, 1979.

LAMONT, M. How to become a dominant French philosopher: the case of Jacques Derrida. *American Journal of Sociology*, University of Chicago, v. 93, n. 3, November, pp. 584-622, 1987.

MESCHONNIC, H. **Poétique du traduire**. Lagrasse: Verdier, 1999.

MESCHONNIC, H. **Le langage Heidegger**. Paris: PUF, 1990.

RAMOND, Ch. **Le vocabulaire de Jacques Derrida**. Paris: Ellipses, 2001.

SEGOVIA, T. Nota de tradutor. In: DERRIDA, J. **La tarjeta postal**. México: SXXI, 2001.

¹ A tradução deste artigo foi autorizada, via *e-mail*, pela autora do texto, Nayelli Castro Ramírez, no dia 24 de dezembro de 2017 e pela editora-chefe da Revista *Mutatis Mutandis*, Paula Andrea Montoya Arango, no dia 30 de janeiro de 2018. Agradecemos muitíssimo a receptividade e a autorização de ambas para traduzir e publicar o artigo abaixo referenciado.

CASTRO RAMÍREZ, Nayelli. Traducir la filosofía más allá de la filosofía: firmas, acontecimientos, contextos. *Mutatis Mutandis* – Revista latino-americana de Tradução, Medellín, Colômbia, v. 1, n. 2, p. 180-195, 2008. ISSN 2011799X. Disponível em:

<https://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/view/329/262>>

² O presente artigo faz parte da pesquisa “Jacques Derrida tradutor, Jacques Derrida traducido: entre la filosofía y la literatura” realizada pela autora no âmbito do programa de Mestrado em Tradução (setembro de 2005 – novembro de 2007), El Colegio de México. A pesquisadora realizou posteriormente seus estudos de doutorado em Tradução na Universidade de Ottawa. Atualmente é professora assistente no Departamento de Estudos Latino-Americanos e Ibéricos da Universidade de Massachusetts, Boston.

³ É doutorada em Estudos da Tradução pela University of Ottawa, Canadá, e mestra em Tradução pelo *El Colegio de México*. Atualmente é professora assistente no Departamento de Estudos Latino-Americanos e Ibéricos da *University of Massachusetts*, Boston. Boston, Estados Unidos da América.

https://www.umb.edu/academics/cla/faculty/nayelli_maria_castro-ramirez E-mail: nayelli.castro@umb.edu.

⁴ Clarissa Prado MARINI – Doutoranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Estudos da Tradução (2015) pela Universidade de Brasília. Bacharel em Letras-Tradução/Francês pela mesma instituição. Paris, França.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa do Programa de Doutorado-sanduiche no Exterior (PDSE/CAPES) com processo nº 88881.187608/2018-01

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4474411320594145> E-mail: clarissamarini@gmail.com

⁵ Ana Alethea de Melo Cesar OSÓRIO - Mestranda em Estudos da Tradução e Bacharel em Letras - Tradução - Inglês (2011) pela UnB. Revisora de textos na Editora Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5685363692393264> E-mail: anaalethea@gmail.com

⁶ Trecho original em francês: “[...] est en effet ce qu’on appelle une « traduction littéraire » et non pas une traduction « technique », [parce] que d’une certaine façon correspond en fait essentiellement à un clivage d’ordre économique : la traduction philosophique est une traduction dite littéraire parce qu’il s’agit d’un livre, paraissant chez un éditeur, avec en principe, la mention du nom du traducteur, et surtout parce qu’elle est rétribuée selon le régime des droits d’auteur, beaucoup moins bien (ou: plus mal) que la traduction technique.”

⁷ Trecho original em francês: “il faudrait avoir importé [...] tout cet univers de connotations historiquement, géographiquement et linguistiquement situées”.

⁸ Trecho original em francês: “il s’agit, jusque dans la philosophie, de savoir (et de savoir comment) ce qu’on fait des mots”.

⁹ Trecho original em francês: “de la pensée à la pensée sans langue”.

¹⁰ Trecho original em espanhol: “las notas a pie de página, los trabajos poco relevantes, los lugares en suma en que la vigilancia de quien escribe podría ser menor”

¹¹ Trecho original em espanhol: “el mundo es textualidad, más vulgarmente escritura; un ámbito de infinita libertad, de infinito riesgo”

¹² Trecho original em espanhol: “...un texto no se deja apropiar. Dice siempre más o menos de lo que habría debido decir, y se separa de su origen; en consecuencia, no pertenece ni a su autor ni al lector [...] Un texto es un foco de

resistencia. La relación con un texto no puede ser fácil; es una relación necesariamente conflictiva, polémica: una relación de fuerzas”

¹³ Trecho original em espanhol: *¿Cree usted que sus textos traducidos enseñan lo mismo que los textos franceses?* Nunca los textos traducidos dicen la misma cosa que el texto original. Siempre ocurre algo nuevo. Incluso, o sobre todo, en las buenas traducciones. Hay transformaciones que responden, por una parte, a la transmisión en un contexto cultural, político, ideológico diferente, a una tradición diferente, y que hacen que «el mismo texto» – no existe un mismo texto, incluso el original no es idéntico a sí mismo –, incluso en el interior de la misma cultura, tenga efectos diferentes.

¹⁴ Respectivamente, em português: traço, retraço/retirada e rastro. (N.T.)

¹⁵ Respectivamente, em português: iterabilidade, restância, *différance*, grafema, marca, relevo, traço, escritura e assinatura. (N.T.)

¹⁶ Trecho traduzido para o espanhol por Castro-Ramirez: En “mi lectura” [...], no me concentro ni exclusiva ni principalmente en aquellos puntos que parecen ser los más “importantes”, “centrales”, “cruciales”. Más bien, me desconcentro y lo que me importa son los casos secundarios; excéntricos; laterales; marginales; parásitos; liminales que son la fuente de muchas cosas como el placer, pero también permiten ver desde dentro el funcionamiento general de un sistema textual. (1988:44, nuestra traducción).

¹⁷ Trecho em espanhol: ... como «el verde es o» o «abracadabra» no constituyen su contexto en sí mismos nada impide que funcionen en otro contexto a título de marca significativa (o de índice, diría Husserl). No sólo en el caso contingente en el que, por la traducción del alemán al francés «el verde es o» podría cargarse de gramaticalidad, al convertirse o (oder) en la audición en dónde (marca de lugar): «Dónde ha ido el verde (del césped: dónde está el verde)», «¿Dónde ha ido el vaso en el que iba a darle de beber?». Pero incluso «el verde es o» (The green is either) significa todavía ejemplo de agramaticalidad (2003 [1989]).

¹⁸ Em espanhol: (*pr*)esencia. (N.T.)

¹⁹ Trecho em espanhol traduzido pela autora do artigo: No hay duda de que la permanencia” o la “supervivencia” de un documento (*scripta manent*) cuando y hasta el punto (siempre relativo) en que ocurren, implican iterabilidad o restos en general. Pero lo contrario no es verdad. La permanencia no es un efecto necesario del restar [rester]. Iré aún más lejos: la estructura de la restancia, al implicar alteración, vuelve imposible la permanencia absoluta (Derrida 1988: 54, nuestra traducción)